

# O CICLO VIRTUOSO QUE ALIMENTA O PIB GOIANO



# Diversificação agrícola, base industrial sólida e uma cultura de inovação multiplicam a riqueza do Estado e impulsionam o comércio e a prestação de serviços

Por MARIA CÂNDIDA VIEIRA

A variedade de culturas e a industrialização de produtos agrícolas são ingredientes do sucesso do agronegócio de Goiás. Junto com outros, como o domínio tecnológico do ecossistema dos cerrados, a receita vem dando certo: a colheita de grãos de 13,1 milhões de toneladas em 2009 é quase 70% superior à produzida há dez anos, enquanto a criação de aves saltou de 19,1 milhões para 45 milhões no período, 135% a mais.

A esses resultados, somam-se ainda um rebanho de 20 milhões de cabeças e 2 milhões de suínos e são esperadas, na safra 2009/2010, a colheita de 44,7 milhões de toneladas de cana. E tudo indica que a receita continuará dando certo: as previsões apontam para uma produção de 16 milhões de toneladas de grãos em 2012, ano em que o Produto Interno Bruto (PIB) de Goiás pode chegar a R\$ 100 bilhões.

"De 80% a 85% do PIB goiano está ancorado na agropecuária em si, na agroindústria e nos serviços de comercialização de insumos e produtos agrícolas", afirma Leonardo Veloso, secretário de Agricultura de Goiás. Ele também cita como fatores desse desempenho as inovações tecnológicas, o melhoramento genético, as parcerias com centros de pesquisas, a titulação de terras e os crescentes cuidados no Estado com o meio ambiente.

A prosperidade do agronegócio goiano, que colocou o Estado em quarto lugar no ranking nacional de maior produtor de grãos e de rebanho bovino, tem ainda outro componente: a entrada de grandes grupos, que, em um ciclo virtuoso, ajudaram na expansão da economia de Goiás e aproveitaram os benefícios desse crescimento para alavancar suas próprias atividades. Entre eles estão os grupos Caramuru, Granol, Cotril, Maeda, Perdigão/Sadia, Cargill Agrícola, Kowalski e Siol, que passaram a atuar ao lado das pioneiras Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais do Sudoeste

Goiano (Comigo) e Cooperativa Mista Agropecuária Vale do Araguaia (Comiva), fundadas nos anos 70.

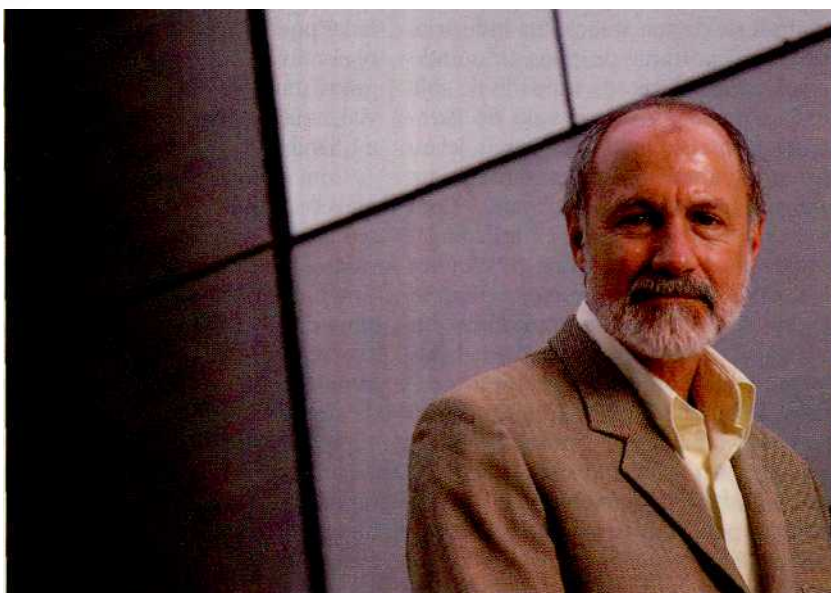
A produção de grãos atraiu também as multinacionais de defensivos, insumos e maquinários, como Pioneer, John Deere, Monsanto, Case, entre outras. Mais recentemente chegaram a Brenco, Cosan e Jalles Machado com megaprojetos de plantio de cana-de-açúcar e produção de etanol. Goiás conta com 39 usinas de etanol e outras 88 estão em estudos.

"Crescemos com Goiás e Goiás também cresceu conosco", afirma César Borges de Sousa, vice-presidente do grupo Caramuru, o maior do Estado, que instalou sua primeira unidade industrial de milho, em Itumbiara, em 1975. Na época, a empresa do Paraná enfrentou todos os tipos de dificuldades: falta de transportes, de armazéns para os grãos e de profissionais. "Levamos caminhoneiros para Itumbiara, construímos armazéns e

ganhamos a confiança dos agricultores." Depois veio a entrada na área de soja, com a instalação das fábricas de óleo e farelo na mesma cidade, em 1986. Em 1995, foi construída a segunda indústria de soja no Estado, desta vez em São Simão, "um mundo novo", diz.

Os investimentos do grupo, com faturamento de R\$ 2,2 bilhões e exportações de US\$ 458 milhões, somaram mais de R\$ 100 milhões de 2004 a 2008. "Este ano, estamos concluindo investimentos previstos em logística. Há cautela diante da escassez de crédito provocada pela crise mundial", afirma Sousa. A empresa tem 61 armazéns, com capacidade de 2,015 milhões de toneladas, dos quais 25 espalhados por Goiás, com espaço para depositar 1,12 milhão de toneladas.

Com 2.350 empregados, o Caramuru responde por 22% do processamento de soja de Goiás, calculado este ano em 4,8 milhões de toneladas, e de 3,5% do



Sousa, do Caramuru: "Crescemos com Goiás e Goiás também cresceu conosco"



Terminal do grupo Caramuru em São Simão: chata transporta 1,5 mil toneladas de soja em grão e 2 mil metros cúbicos de biodiesel

total processado no Brasil, previsto em 32,2 milhões de toneladas. A companhia, com sua marca Sinhá, responde por 8% do processamento brasileiro de óleo de soja refinado. O grupo aglutina 20 mil clientes ativos, 5 mil fornecedores e 400 agricultores familiares, que garantem a crescente produção de biodiesel da empresa, cuja capacidade de produção é de 180 mil metros cúbicos.

Principal empresa de capital nacional, com oito unidades industriais de processamento de soja, milho, girassol e canola, o grupo Carumuru tem na logística um ponto forte de sua atuação na industrialização e exportação de grãos. O "mundo novo" da instalação da unidade de soja de São Simão, às margens do rio Paranaíba, fronteira com Minas Gerais, levou a empresa a investir em um terminal na Hidrovia Paranaíba-Tietê-Paraná. Com capacidade para processar 1,8 mil toneladas por dia de soja em grão e 187 milhões de litros de biodiesel por ano, a empresa investiu em uma chata graneleira com capacidade de carga de 1,5 mil toneladas de grão e, no porão, de 2 mil metros cúbicos de biodiesel. Há ainda integração com o terminal hidroferroviário, em Pederneras, em São Paulo, com sistema de descarga de 500 toneladas por hora. A empresa possui cinco locomotivas e 120 vagões. Já a integração rodoviária é feita no Terminal Intermodal de Anhembi, em São Paulo. O Caramuru possui terminais

nos portos de Santos e Tubarão, por onde serão exportados 2,8 milhões de toneladas de soja e farelo em 2009.

O grupo Granol, com previsão de faturamento de R\$ 1,9 bilhão em 2009, também cresce com os investimentos realizados em Goiás. Desse total, as exportações responderão por cerca de 45%. Com cinco fábricas no país, a unidade industrial de Anápolis responde por 47% do faturamento da empresa, afirma Cláudio Roberto Tonol, gerente de novos projetos. Com duas linhas de produção, a fábrica tem capacidade de produzir 2,7 mil toneladas por dia. A companhia conta com 25 regionais de compra e armazenagem de grãos, um terminal marítimo e outro fluvial, uma carteira de 8 mil clientes ativos e 1,6 mil funcionários.

Com capacidade total para esmagar mais de 2 milhões de toneladas de grãos, refinar 400 toneladas de óleo bruto e envasar 250 milhões de unidades, o grupo Granol também está cauteloso. "Vamos aguardar os sinais para ver o que vai acontecer", diz Tonol. Por enquanto, segundo ele, a empresa vai dar continuidade aos projetos iniciados, no valor de R\$ 45 milhões, para aumentar a capacidade de produção em mais 400 toneladas na unidade de Anápolis, aperfeiçoar o recebimento de matérias-primas e melhorar a eficiência de caldeiras.

A empresa aposta no biodiesel, cuja produção deverá alcançar 241 milhões de

litros este ano, com a unidade de Anápolis respondendo por 170 milhões de litros. "Esse mercado vem crescendo com o aumento da mistura do biodiesel no diesel", diz Tonol. A partir de 1º de julho, a mistura obrigatória de biodiesel passará de 3% para 4%. Assim, para suprir o consumo nacional, a produção do combustível terá de aumentar de 1,2 bilhão de litros, em 2008, para 1,8 bilhão de litros, em 2009.

O grupo Cotril, de origem mineira, prevê faturamento de R\$ 600 milhões este ano. Fundado em 1965, é um conjunto de empresas com forte atuação no Centro-Oeste, nos segmentos de máquinas e equipamentos pesados, de automóveis e também na agropecuária. No segmento de máquinas e equipamentos pesados, o grupo representa, entre outras, a marca New Holland e está presente em Goiás desde 1968. Em veículos, a companhia tem concessionárias Mitsubishi e Suzuki. Nesses dois segmentos, o faturamento esperado é de R\$ 200 milhões este ano.

Empregando 2 mil pessoas, o grupo espera faturar cerca de R\$ 400 milhões este ano com a agropecuária. Criada em 1982, a Cotril Agropecuária tem 380 mil cabeças de gados e 260 fazendas, com produção própria de milho, sorgo e capim. "Havia um desânimo em novembro de 2008, com a crise mundial, mas o mercado pecuário voltou a crescer e é muito favorável", diz Domingos Pereira de Ávila Júnior, da terceira geração da empresa. A

## THE VIRTUOUS CYCLE THAT FEEDS THE GOIAS GDP

Diversification of crops, a **solid industrial base**  
and a culture of innovation **grow state's wealth**

expectativa e abater 300 mil cabeças de gado, número semelhante ao de 2008.

Em 2007, foi criada a Cotril Alimentos, com uma unidade industrial na cidade de Inhumas, em Goiás, com capacidade de abate de 1,2 mil bovinos por dia. Com sua marca Cotril Beef, a empresa está habilitada, a partir de maio deste ano, a exportar para a União Europeia. Atualmente, o mercado externo representa cerca de 30% do faturamento mensal do frigorífico, cujos números não são divulgados. As exportações, iniciadas em novembro de 2008, têm como destino Egito, Líbia, Hong Kong e Argélia.

"Goiás é fundamental para o crescimento da Cotril", ressalta Avila Junior, ao destacar a posição estratégica do Estado, que vai ganhar um impulso ainda maior com a construção da Ferrovia Norte-Sul, criando um corredor de exportações pelo Norte e Nordeste. Além disso, ele aponta as terras férteis do Estado e a abundância de água.

Presente em Goiás desde a década de 70, o grupo Maeda cultiva algodão, soja e milho em Itumbiara, onde tem planta industrial para esmagamento de caroço de algodão, com produção de óleo e farelo de algodão. Na última safra, a empresa começou a plantar também em Catalão. Este ano, o grupo deverá produzir mais de 30 mil toneladas de pluma de algodão, 65 mil toneladas de milho e 185 mil toneladas de soja, de acordo com Fabio Medeiros, presidente da empresa. "A Maeda não tem mais a aspiração de ser o maior produtor de algodão do Brasil, mas a de consolidar-se como um dos maiores operadores agrícolas do país", afirma.

Para se chegar a esse desenvolvimento do agronegócio goiano, no entanto, foi decisivo o pioneirismo das duas cooperativas: a Comigo, fundada, em 1975, por um grupo de produtores rurais no sudoeste do Estado, que incentivou o uso de insumos modernos, inovações tecnológicas e transformação industrial das matérias-primas. Em 2009, a previsão da cooperativa, cuja sede fica na dinâmica cidade de Rio Verde, é de faturamento de R\$ 1,3 bilhões. É a Cooperativa Mista Agropecuária do Vale do Araguaia (Comiva), criada em 1972, com sede na ascendente cidade de Mineiros, receberá 164 mil toneladas de soja, milho e sorgo e faturamento da ordem de R\$ 140 milhões este ano.

The crop varieties and industrial processing of agricultural products are the main ingredients behind the success of Goiás state agribusiness. Along with others, like the technological dominance of the cerrados (native shrub lands) ecosystem, this recipe has been a resounding success: the 13.1 million ton grain harvest in 2009 is almost 70% higher than that produced 10 years ago, and poultry production leapt from 19.1 million fowl to 45 million birds in the same period.

Add to these results the 20 million head of cattle, 2 million hogs and the projected 44.7 million tons of sugarcane to be harvested in the 2009/2010 season. Everything seems to indicate that the recipe will continue to generate development in the sector: the forecasts put the grain crop at 16 million tons in 2012, a year in which the Goiás State GDP could reach R\$ 100 billion.

"From 80% to 85% of the GDP is anchored in agriculture and livestock and in sales services for inputs and agricultural products," affirms Leonardo Veloso, Goiás State Agriculture Secretary. He also cites factors such as technological innovation, genetic improvement, partnerships with research centers, land registries and the state's increased focus on preserving the environment as an explanation for the performance.

The prosperity of Goiás agribusiness—the state is the fourth-ranked grains producer nationwide and has the fourth largest bovine herd—is also due to another factor: the arrival of large groups, which have helped expand the Goiás economy, while taking advantage of the benefits of this growth to leverage its own activities. Among them are the Caramuru, Cotril, Maeda, Pergidao/Sadia, Cargill Agrícola, Kowalski and Siol groups.

Grain production also attracted multinational fertilizer and pesticides companies as well as agricultural machinery and inputs manufacturers such as Pioneer, John Deere, Monsanto and Case, among others. Most recently, companies like Brenco, Cosan and Jalles Machado have arrived with megaprojects for sugarcane and ethanol production.

"We grew with Goiás and Goiás also grew with us," affirms Cesar Borges de Sousa, vice president of the Caramuru group, the largest in the state, which installed its first industrial unit for corn in Itumbiara in 1975. The group's investments totaled R\$ 100 million from 2004 to 2008. It currently turns over R\$ 2.2 billion, exporting US\$ 458 million. Its soy processing outfit accounts for 22% of the state total and 3.5% of the national volume.

The Granol group is also growing through investments conducted in Goiás with its turnover slated to reach R\$ 1.9 billion in 2009. Exports will account for 45% of this total. Of its five factories in the country, the Anápolis unit generated 47% of the companies turnover, according to Claudio Roberto Tonol, new projects manager. The company will continue the R\$ 45 million project to increase production capacity by more than 400 tons at the Anápolis unit; to improve handling of raw materials and to increase the efficiency of boilers. The company will manufacture 241 million liters of biodiesel this year.

Minas Gerais-based Cotril is expected to bill R\$ 600 million this year. The group is formed by companies with operations in the automobile (Mitsubishi and Suzuki dealerships) and machinery and heavy equipment (it represents New Holland segments in the Midwest). These two segments alone should generate R\$ 200 million this year. The third area of activity, Cotril Agropecuária, has 380,000 head of cattle and 260 farms where it produces corn, sorghum and fodder, generating the remaining R\$ 400 million. "We were a bit despondent in November 2008 when the crisis hit, but the livestock sector bounced back and it is doing well," says Domingos Pereira de Avila Junior, from the third generation of the family company. Cotril plans to slaughter 300,000 head of cattle, similar to the 2008 figure. The executive also highlighted the state's strategic position, which should gain a major impulse with construction of the North-South Railway (Ferrovia Norte-Sul), creating an exports corridor through the North and Northeast.